

A FORMAÇÃO DO PLURAL DOS SUBSTANTIVOS

TERMINADOS EM DITONGO NASAL –ÃO

Vera Pivetta (Autora)

Prof. Ms. Leandro Zanetti Lara (Orientador)¹

Resumo:

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre a categoria morfológica de número dos substantivos da língua portuguesa terminados em ditongo –ão, tendo em vista sua aparente irregularidade há muito vir causando problemas para a efetivação de um bom tratamento deste tópico morfológico da gramática do português, seja no ensino fundamental ou no médio. Trata-se de uma revisão da literatura especializada sobre o tema, à qual se seguirá uma proposta diferenciada de ensino da flexão numérica dos substantivos com final –ão. Entre outros, o objetivo é fornecer subsídios aos ministrantes a partir de elementos basilares para o desenvolvimento da atividade pedagógica, na tentativa de atenuar alguns problemas enfrentados no processo de ensino/aprendizado.

Palavras-Chave: Ensino da morfologia do Português. Flexão nominal. Número dos substantivos.

Introdução

O presente artigo trata da formação do plural dos substantivos da língua portuguesa terminados em ditongo nasal –ão.

¹ Professor da 4ª. Edição do Curso de Especialização em Gramática e Ensino da Língua Portuguesa – UFRGS.

O estudo a que nos propomos surgiu de uma questão não apenas de cunho teórico (morfológico), mas também de uma necessidade pragmática. Não tem sido tarefa fácil a utilização adequada do plural dos substantivos terminados em *-ão* pelos falantes de língua portuguesa. Com frequência, surgem dúvidas no emprego desses plurais, principalmente se se tratar de vocábulos pouco utilizados cotidianamente. Atribui-se a vacilação na pluralização dos substantivos com essa característica ao pouco empenho que há em se desenvolver estratégias para o ensino de questões morfológicas que envolvam dificuldades mais complexas. A morfologia, dentro dos estudos linguísticos, ainda se apresenta como uma área crítica, pois a formulação de seus conceitos é objeto de disputas teóricas acirradas, sendo que, até hoje, a definição de termos como “palavra” ou “morfema” está longe de atingir um consenso pacífico.

Os objetivos específicos deste trabalho são dois. O primeiro é apresentar uma análise teórica, revisando boa parte da literatura especializada sobre o tema. O segundo é propor uma atividade didática que possibilite aos alunos tratarem o conteúdo com espírito crítico, contribuindo, dessa forma, para sua formação intelectual. Para tanto, também serão apresentados subsídios teórico-didáticos que possam auxiliar os professores nessa tarefa.

A fim de investigar aspectos do problema de pesquisa descrito acima, seguiremos uma metodologia que se pautará, num primeiro momento, pelo cotejo entre importantes contribuições na área dos estudos gramaticais tradicionais, apresentando e observando semelhanças e diferenças entre Almeida (2009), Luft (1995) e Cunha e Cintra (1985).

Além de recorrer a tais textos da Gramática Tradicional, valer-nos-emos também da contribuição dos estudos linguísticos, por meio das obras de Macambira (1978) e Câmara Jr. (2002), tendo em vista a relevância que têm esses estudos no âmbito da descrição da língua portuguesa.

Observados os pontos de vista tradicional e linguístico que compõem o arcabouço teórico desta pesquisa, tomá-los-emos como baliza para análise teórica e para aplicação dos conceitos na prática, que, no nosso caso, consiste no exame de livros didáticos no que se refere às questões morfológicas eleitas para este estudo. O *corpus* selecionado é composto pelos excertos relativos à formação do plural das formas em *-ão* constantes das obras de Nicola e Infante (1999) e Torralvo e Minchillo (2008).

1 Pressupostos teóricos

Neste trabalho, trataremos de um caso específico de pluralização de substantivos da língua portuguesa. Partamos, pois, da regra geral de formação do plural dos substantivos no português, observando como Almeida (2009, p. 107) define este tópico.

Os substantivos, tal qual se encontram nos dicionários, indicam um só elemento, uma única unidade, ou seja, encontram-se sempre na forma *singular*. Se tivermos necessidade de indicar mais de um ser, *flexionaremos numericamente* o substantivo, e diremos então que o substantivo passou para o plural. Isto de poder o substantivo indicar um ou mais objetos é o que em gramática se chama *número*. **Número gramatical** é, pois, a propriedade que têm os substantivos de indicar um ou mais objetos. Conclui-se, da explicação supra, haver em português dois números, o **singular** e o **plural**. Exemplos: *casa* (singular), *casas* (plural); *homem* (singular), *homens* (plural). Dos dois exemplos dados (*casa, casas; homem, homens*), vemos ter constituído o característico do plural o *s* final, observando-se que em *casa* bastou seu simples acréscimo, ao passo que em *homem* houve alteração antes de ser acrescentado o *s*.

Como podemos observar na regra acima, na língua portuguesa, o plural dos substantivos, de um modo geral, dá-se pelo acréscimo da desinência *s* ao final do vocábulo, como no caso de *casal/casas*, ou *livro/livros*. Porém, há diversas situações em que a afixação dessa desinência precisa ser precedida de alterações morfofonêmicas. Uma dessas situações é a dos substantivos terminados em ditongo *-ão*, objeto de nosso estudo.

Vejamos, a seguir, de forma mais pontual, como a tradição dos estudos gramaticais portugueses abordam o caso da pluralização em foco.

1.1 Uma revisão dos estudos tradicionais

Nos parágrafos que seguem, observaremos o tratamento dado ao plural das formas em *-ão* pelos gramáticos Celso Pedro Luft (1995), Napoleão Mendes de Almeida (2009) e Celso Cunha e Lindley Cintra (1985).

De acordo com Luft (1995), os substantivos terminados em *-ão* pluralizam-se de três maneiras, conforme os temas subjacentes. O primeiro grupo é formado pelos substantivos com o tema *-ão*, como *cristão/cristãos* ou *irmão/irmãos*. Nesse primeiro grupo, o autor inclui todos os substantivos paroxítonos e os monossílabos, com exceção de *cão* e *pão*. O segundo

grupo abrange os substantivos com o tema *-ane*, como *alemão/alemães* e *catalão/catalães*. No terceiro, temos o tema *-one*, como *coração/corações* e *leão/leões*. Ficam aqui, também, todos os aumentativos. Luft ainda observa que a maioria do plural dos substantivos terminados em *-ão* acompanha a norma do terceiro grupo.

Luft teoriza sobre o plural dos substantivos em *-ão* a partir do tema subjacente do vocábulo. Ao apresentar a sua proposta didática, o autor parte do pressuposto de que os estudantes teriam conhecimento do que vem a ser temas subjacentes, fato esse que não corresponde à realidade. Além disso, o autor lança mão de diversas regras complementares à sua teoria baseada nos temas subjacentes, tais como frequência vocabular, papel da tonicidade e flexão de grau dos substantivos, conferindo à sua abordagem um tom confuso e, muitas vezes, sem objetividade.

Já Almeida (2009, p. 108) divide os substantivos terminados em *-ão* em três grupos, ressaltando que “[...] não passam para o plural de maneira idêntica”. Os que fazem flexão numérica com o simples acréscimo de *s* são inseridos na regra geral, que abrange todos os substantivos terminados em vogal, seja ela oral ou nasal. Nos outros dois segmentos, Almeida coloca os terminados em *-ão* que fazem o plural em *-ães*, como *cão/cães*, e os que terminam em *-ão* e são pluralizados em *-ões*, como *limão/limões*. Em nota adicionada ao item referente à pluralização do *-ão*, o autor salienta que os nomes terminados em *-ão* átono seguem a regra geral, ou seja, o simples acréscimo de *s* para a formação do plural.

A forma como Almeida apresenta a flexão numérica dos substantivos terminados em *-ão* em sua gramática resume-se à descrição do fato linguístico. Acreditamos que sua abordagem não propicia outro aprendizado a não ser o feito por meio de memorização, já que o autor não disponibiliza nenhum outro dado além de uma listagem dos substantivos, separados em grupos, conforme a formação de seu plural.

Numa observação colocada ao final do capítulo, Almeida refere a importância de se ter conhecimento básico da língua latina para o entendimento da formação do plural dos substantivos terminados em ditongo *-ão*. Para tanto, segundo ele, bastaria recorrer ao acusativo plural latino da palavra.

Grande parte do léxico da língua portuguesa tem origem no latim vulgar (*sermo vulgaris*), que era a língua viva, falada cotidianamente. Com o tempo, essa língua falada pelos romanos foi-se afastando do latim clássico, com os seus seis casos, que desempenhavam funções sintáticas específicas, quais sejam o nominativo, o vocativo, o genitivo, o dativo, o ablativo e o acusativo. Após um longo período de mudanças, especialmente na Península Ibérica, o acusativo foi o único caso sobrevivente. O *-s*, como letra característica do plural

português, é reminiscência do acusativo plural latino, que termina em *-s* em todas as declinações.

Um fato importante a ser considerado no entendimento da flexão numérica dos substantivos terminados em ditongo *-ão* é que o plural desses nomes não se forma no português, o que aconteceria com um simples acréscimo de *-s*; ao se pluralizar, eles buscam suas respectivas formas acusativas plurais na língua latina: *mãos* (<*manos*), *leões* (<*leones*), *cães* (<*canes*). Como em suas origens os nomes tinham terminações diferentes, é razoável aceitarmos que as suas formas plurais no português também se apresentem distintas.

Porém, a observação com base no aspecto diacrônico do assunto feita por Almeida, do ponto de vista didático, nada agrega à forma de o autor explorar o tema, já que o estudo do latim foi retirado do sistema educacional brasileiro (ensinos fundamental e médio) há muitos anos.

Da mesma forma, não nos parece demais ressaltar que esse segmento diacrônico não deve ser utilizado como material didático para os alunos, porque o conhecimento do latim não pode servir de base teórico-linguística nos dias de hoje, após o desenvolvimento das ciências da linguagem. Pode servir de material de apoio para fins de conhecimento geral, mas não, propriamente, de teoria linguística.

Cunha e Cintra (1985) apresentam a pluralização dos substantivos terminados em *-ão* argumentando que formam o plural de três maneiras distintas. Na primeira, os autores afirmam que “a maioria” muda a terminação de *-ão* para *-ões*, como em *gavião/gaviões*. Nesse grupo estariam todos os aumentativos – *espertalhão/espertalhões*. A segunda maneira de pluralização ocorre transformando a terminação *-ão* em *-ães*. Aqui estaria inserido um “número reduzido” de substantivos. E a terceira forma seria o simples acréscimo de um *s* à forma singular, que abrangeria “um número pequeno” de substantivos oxítonos terminados em *-ão*, bem como todos os paroxítonos.

Os autores utilizam a frequência vocabular como o principal critério para dividir os substantivos em três grupos, conforme a forma como se pluralizam. Nesse caso específico, o número de ocorrências no léxico não parece ser um elemento que possa embasar um estudo eficaz. A quantificação, da forma como é apresentada por Cunha e Cintra (1985), se constitui em um dado subjetivo, pois não está posicionada dentro de um universo possível de ser determinado com facilidade, excetuando-se o caso de que venha a ser desenvolvido um estudo mais acurado baseado em linguística de *corpus* para os dados do português, no que tange à diversidade morfológica que observamos aqui.

Consideradas as três propostas de descrição da formação do plural das formas em *-ão* do português, delinearemos, abaixo, um quadro comparativo, a fim de explicitar quais são os possíveis critérios e/ou regras que subjazem às abordagens referidas.

Regras e critérios para a pluralização das formas em <i>-ão</i>			
	Luft	Napoleão	Cunha e Cintra
Critério para a regra de formulação do plural	temas subjacentes	diacronia	frequência
Regra dos aumentativos	sim	não	sim
Regra da frequência vocabular	sim	não	sim
Regra dos monossílabos tônicos	sim	não	sim
Regra dos paroxítonos	sim	não	sim
Regra da tonicidade do <i>-ão</i>	não	sim	não

Quadro 1 - Regras e critérios para a pluralização das formas em *-ão*

Fonte: dados da pesquisa

Analisando o quadro acima, podemos observar que os três gramáticos pesquisados fazem uso de diversos critérios e regras ao tentar estabelecer os fundamentos para a pluralização dos substantivos da língua portuguesa terminados em *-ão*, com exceções demasiado numerosas frente às ditas regras. Essa diversidade de critérios na procura de um regramento que abarque todo o grupo dos substantivos é um aspecto negativo para uma descrição geral do fenômeno em português, o que resulta numa disparidade e não concordância entre as diversas teorias. Um professor que se baseie nos estudos tradicionais deverá optar por um determinado texto, se quiser salvaguardar a coerência entre as regras. Uma vez utilizado um material que suponha conceitos presentes em mais de uma dessas abordagens, estaremos correndo o risco de criar atividades didáticas que ou trarão critérios conflitantes ou que, eventualmente, carecerão de algum critério relevante.

1.2 A contribuição dos estudos linguísticos

A descrição da morfologia do português conta, entre outros, com os relevantes estudos de José Rebouças Macambira (1978) e de Joaquim Mattoso Camara Jr. (2002), que constituem os autores cujos pressupostos teóricos elegemos para este trabalho.

Macambira faz uma análise do plural dos nomes terminados em *-ão*, que, conforme a nomenclatura que utiliza, são chamados de temáticos. *Temático* é todo nome que termina por *-o/-el/-a*, sem acento e sem til. Os temáticos terminados em *-ão* dividem-se em três grupos. O primeiro grupo é constituído de temáticos em que o radical e a vogal temática do nome diferem no singular e no plural, como *carvã-o*, *carvõ-e-s*. O segundo é formado pelos nomes em que o radical é igual no singular e no plural, diferindo apenas na vogal temática – *capitã-o*, *capitã-e-s*. E o último grupo é aquele em que o radical e a vogal temática são idênticos, como temos em *irmã-o*, *irmã-o-s*.

O autor afirma que, assim como o plural em *-ãos* tem o singular em *-ão*, os plurais em *-ães* e *-ões* deveriam ter os seus singulares em *-ã* e *-õ*, respectivamente, como *pã* em lugar de *pão* e *sermõ* em lugar de *sermão*, como efetivamente ocorreu até o séc. XIII aproximadamente. A partir de então, *-ã* e *-õ* passaram a sofrer alterações fonéticas e se igualaram em *-ão*, que se tornou o denominador comum dos plurais em *-ãos*, *-ães* e *-ões*.

Conclui, então, Macambira que, para se fazer a flexão numérica adequada dos temáticos terminados em *-ão*, seria necessário pesquisar o étimo na sua forma plural, aquela que teria preservado seu estado primitivo. Dá como exemplo o plural de *pão*. Temos *pães*, porque o acusativo plural latino da palavra é *panes*, com *e* depois do *n*.

Efetivamente, a maioria dos substantivos da língua portuguesa terminados em *-ão* têm origem em nomes latinos com diferentes terminações: *-anu*, *-one*, *-ane*. A convergência para a forma única *-ão* não aconteceu de uma única vez, tendo havido transformações intermediárias em alguns casos, como podemos ver no quadro abaixo.

Para melhor entendermos a evolução dessas terminações, devemos observar as mudanças que aconteceram. O *n* intervocálico cai, nasalizando a vogal anterior, por meio do til (~), e a vogal *u* final evolui para *o*. No português arcaico, as formas do singular ainda se diferenciavam (ver quadro). Somente mais tarde, *-ã* e *-om* foram absorvidas pela forma *-ão*, fenômeno esse denominado de formas convergentes.

<i>Singular latino</i>	<i>Português arcaico</i>	<i>Português</i>	<i>Plural</i>	<i>Exemplo</i>
<i>-anu</i>	<i>-ão</i>	<i>-ão</i>	<i>-ãos</i>	<i>manu>mão - mãos</i>
<i>-ane</i>	<i>-ã</i>	<i>-ão</i>	<i>-ães</i>	<i>cane>cã>cão - cães</i>
<i>-one</i>	<i>-om</i>	<i>-ão</i>	<i>-ões</i>	<i>leone> leom>leão - leões</i>

Quadro 2 – Estágios da evolução das formas terminadas em *-ão*

Fonte: dados da pesquisa

Por sua vez, Camara Jr. (2002) afirma que a flexão numérica nominal consiste numa oposição privativa – um elemento é marcado, e o outro não –, de caráter simples e praticamente uniforme. A uma forma singular, sem marca própria, opõe-se a forma plural, cuja característica é o sufixo flexional específico /z/, escrito sempre –s. Para o autor:

[...] a única complexidade nesse mecanismo flexional [nominal] está nas mudanças morfofonêmicas que certas estruturas vocabulares exigem. É uma complexidade especialmente relevante na flexão de número. As regras das nossas gramáticas tradicionais sobre <a formação de plural> <dos nomes terminados em –r (ou –s, oxítonos), em –l ou no ditongo nasal –ão> vêm a ser uma descrição, nem sempre plenamente satisfatória, de mudanças morfofonêmicas nessas estruturas nominais. (CAMARA JR., 2002, p. 59)

Para uma melhor descrição da flexão numérica dos nomes terminados em –ão, Camara Jr. (2002) sugere que se parta de formas teóricas em –õe, –õe, –ão, que se mantêm no plural e que, no singular, confluem para –ão, como em *leão, leões; pão, pães; irmão, irmãos*. Segundo ele, uma descrição sincrônica deste fato morfológico precisa partir de temas teóricos, pois, desse modo, a forma singular pode ser explicada por regras morfofonêmicas, a saber:

- a) transformação de –õe para –ão - mudança de tema e alternância do /o/ tônico para /a/;
- b) transformação de –õe para –ão - mudança de tema;
- c) –ão - sem mudança morfofonêmica.

O autor considera adequada a descrição sincrônica da pluralização dos nomes terminados em ditongo nasal –ão, tendo em vista que a referência às formas latinas, em que havia três estruturas nominais distintas que convergiram, no português moderno – via português arcaico –, para uma única terminação singular –ão, “[...] é muito precária e até perturbadora” (CAMARA JR., 2002, p. 61). Precária no sentido de que vários processos fonéticos e morfológicos fizeram com que se alterasse a correspondência entre as três formas plurais portuguesas e as três estruturas latinas. É perturbadora, porque muitas gramáticas ainda mantêm como formas plurais mais corretas aquelas que não mais integram a língua viva, falada cotidianamente, que ele denomina de “plurais fantasmas”. Para ilustrar tal afirmativa, encontramos, em Luft (1999), o plural *verãos*, concorrendo com a forma *verões*; e, em outros autores, há exemplos do tipo *anões, anciões, vulcões*.

Mais focada no aspecto didático da flexão de número dos nomes terminados em ditongo –ão, Ana Paula Fernandes Silva, em seu artigo intitulado “A realização do plural –ão na Língua Portuguesa” (2005), traça um paralelo entre o português e o espanhol. A intenção

desse trabalho, segundo a autora, é “[...] fazer um estudo analógico e comparativo, a fim de tentar uniformizar uma forma não obsoleta para o plural das palavras terminadas em *-ão*.”

Partindo da origem comum das duas línguas – português e espanhol –, que emergiram do latim vulgar, e, ao mesmo tempo reconhecendo a diversidade entre as línguas românicas causada por fatores diversos no decorrer da história, Ana Paula Fernandes Silva afirma que algumas línguas, como, no caso, o espanhol, conservaram marcas morfológicas que facilitam a formação do plural.

No espanhol, existem três formas singulares para três formas plurais, conforme segue: *-ano*, *-anos* (*hermano*, *hermanos*); *-on*, *-ones* (*leon*, *leones*); *-án*, *-anes* (*alemán*, *alemanes*). Segundo a autora, é possível fazer-se uma correspondência dessas formas com as dos nomes terminados em *-ão* na língua portuguesa. As terminações *-ano*, *-anos*, no espanhol, correspondem à terminação *-ão*, no português, que se pluraliza em *-ãos*; *-on*, *-ones* correspondem a *-ão* que se pluraliza em *-ões*; e *-án*, *-anes* correspondem a *-ão* que faz o plural em *-ães*. Teríamos, então: *hermano*, *hermanos* – *irmão*, *irmãos*; *leon*, *leones* – *leão*, *leões*; *alemán*, *alemanes* – *alemão*, *alemães*. Ainda de acordo com a autora, existem exceções nessa correspondência, mas a analogia com o espanhol funcionaria em torno de 99% dos casos.

O trabalho da autora é relevante no que se refere à tentativa de encontrar uma regra capaz de, como ela mesma afirma, sintetizar uma forma de tratar os plurais dos substantivos terminados em ditongo nasal *-ão*, atenuando, assim, as dificuldades de ensino dessa peculiaridade da morfologia da língua portuguesa. Porém, a necessidade de domínio de um outro idioma – no presente caso, o espanhol –, para que se torne possível um estudo comparativo, não nos parece de grande alcance didático, já que, aos estudantes, principalmente os do ensino fundamental, frequentemente não é facultado o aprendizado de línguas estrangeiras.

Dos autores abordados nesta seção do artigo, é a proposta de Camara Jr. (2002) que se mostra de maior relevância para os objetivos que aqui nos propusemos. Ao contrário de Macambira (1978), cuja explicação está diretamente vinculada às mudanças diacrônicas sofridas pelas terminações em estudo, e também diferentemente de Silva (2005), que recorre a comparações com línguas estrangeiras, que são esclarecedoras, porém pouco válidas de um ponto de vista explicativo intralinguístico, Camara Jr. se pauta por um entendimento regrado pela análise sincrônica, buscando delinear formas teóricas do português (e não do latim) que deem conta do fenômeno observado. É neste sentido que seguirá a nossa proposta de didatização que apresentaremos na sequência.

1.3 Autores de livros didáticos

Tendo em vista o presente trabalho ter objetivo pedagógico, analisaremos a forma como alguns livros didáticos expõem a questão morfológica referente à formação do plural dos substantivos terminados em *-ão* na língua portuguesa. Foram selecionados dois livros, a saber: *Gramática Essencial*, de José de Nicola e Ulisses Infante (1999), que é destinado a estudantes do ensino fundamental; e *Linguagem em Movimento*, de Izeti Fragata Torralvo e Carlos Cortez Minchillo (2008), dedicado a alunos do ensino médio. Para fins de simplificação da análise, denominaremos, neste trabalho, o primeiro livro (de Nicola e Infante) de Livro A, e o segundo (de Torralvo e Minchillo), de Livro B.

No Livro A (p. 97), no capítulo reservado à flexão de número dos substantivos, os autores dedicam um sucinto parágrafo aos substantivos terminados em *-ão*. Limitam-se a entender o *-ão* como uma estrutura que se pluraliza em *-ões*, *-ães* ou *-ãos* e a alertar que vários substantivos admitem mais de uma forma no plural. Mais adiante, nas observações, destacam que os aumentativos fazem plural em *-ões*, como *casarões* e *sabichões*, e que os substantivos paroxítonos terminados em *-ão* fazem plural em *-ãos*, dando como exemplo *órfãos* e *bênçãos*.

Nas atividades relativas ao assunto, que se compõem de oito exercícios, encontramos apenas dois substantivos terminados em *-ão* para serem pluralizados – *pão* e *caldeirão*. Além da frequência inexpressiva, eles ainda aparecem inseridos em exercícios que englobam substantivos com terminações variadas, não chamando atenção do aluno para a particularidade dessa flexão.

No Livro B (p. 82), há uma classificação da formação dos plurais em quadros, de acordo com a terminação dos substantivos. O plural dos substantivos terminados em *-ão* aparece num deles, apresentando as três variações possíveis: “*-ão* substituído por *-ões* (*balão/balões*; *botão, botões*; *opinião, opiniões*); simples acréscimo de *s* (*sótão/sótãos*; *órgão/órgãos*; *órfão/órfãos*; *cristão/cristãos*; *cidadão/cidadãos*; *irmão/irmãos*; *chão/chãos*; *mão/mãos*); *-ão* substituído por *-ães* (*capitão/capitães*; *alemão/alemães*; *charlatão/charlatães*; *cão/cães*; *pão/pães*; *guardião/guardiães*; *tabelião/tabeliães*).”

No único exercício apresentado sobre o plural dos substantivos, são listados exemplos, dispostos em uma coluna, cujas formas plurais estão para ser preenchidas nos espaços em branco

correspondentes. Entre eles, encontramos as seguintes palavras com final em ditongo *-ão*: *portão*, *cordão*, *vão*, *grão* e *bênção*.

A abordagem do assunto objeto deste estudo nos livros A e B é muito superficial, não possibilitando aos alunos um aprendizado efetivo, nem mesmo despertando a sua curiosidade sobre o tema. O que se requer dos alunos é tão somente uma correspondência objetiva entre a lista de exemplos apresentada no texto teórico e a lista apresentada no exercício. Ou seja, não é estimulado que o aluno trabalhe com regras e suas aplicações, sendo preterida a capacidade analítica em função de estratégias de memorização. Na melhor das hipóteses, poderíamos dizer que se exige dos alunos alguma forma de estratégia de acesso a conhecimento já internalizado. Não existe uma correlação direta entre os avanços teóricos do campo dos estudos morfológicos (bem como da descrição do português) com a técnica subjacente à elaboração de atividades didáticas.

Acreditamos que os professores não se sintam contemplados – e tampouco os alunos – com esse tipo de material didático, pois não há como, a partir da sumária teoria e das poucas atividades propostas, atingir os objetivos desejados no processo de ensino/aprendizado.

2 Proposta pedagógica

A proposta de didatização da formação do plural dos substantivos terminados em ditongo *-ão* na língua portuguesa que apresentamos neste artigo não toma como base o recurso ao latim ou outras formas de explicações diacrônicas. Trata-se de um estudo, de uma perspectiva sincrônica, de um determinado fato linguístico.

Apresentaremos, a seguir, um conjunto de exemplos que formam uma amostra de substantivos terminados em *-ão*. A disposição no referido quadro comparativo evidencia relações sincrônicas entre formas primitivas e formas derivadas. Ou seja, em vez de recorrermos a formas subjacentes preestabelecidas ou a uma listagem de radicais e vogal temática, optamos por estabelecer uma correspondência entre o processo de pluralização e o processo de derivação.

A partir de uma determinada palavra terminada em *-ão*, listamos algumas de suas formas derivadas. Cabe ressaltar que os temas subjacentes (*balON-*, *irmAN-*, *capitANI-*) nas formas primitivas (*balão*, *irmão*, *capitão*) exsurtem plenos nas formas derivadas (*balONismo*, *irmANar*, *capitANIa*), ou seja, não é necessário conceber formas subjacentes teóricas, quando

podemos recuperar as referidas distinções na comparação entre os alomorfes dos radicais de um dado conjunto de vocábulos inter-relacionados por meio do mecanismo da derivação.

Visamos, assim, com uma estratégia didática pautada por fundir dois conhecimentos linguísticos (flexão e derivação), a desenvolver a capacidade crítica dos alunos mediante o raciocínio a partir de dados sincrônicos, em outras palavras, a partir do conhecimento que o aluno já detém. Dessa forma, sem o recurso ao latim ou a formas arcaicas, ele estará sendo capaz de *visualizar* formas temáticas sobre as quais poderá aplicar regras. Tomemos um exemplo. A palavra *balão*, que forma plural em *balões*, teria, segundo alguns autores, o tema subjacente *-one*. Porém, não é necessário explicitar tal tema, se observarmos formas derivadas da palavra *balão*, tais como *balonismo*. O segmento *-on*, recuperável através da teorização dos temas subjacentes, revela-se na comparação das formas primitivas/derivadas.

Para uma visão mais detalhada dessas relações morfológicas, oferecemos o quadro abaixo.

Substantivo	Palavras derivadas	-ão (formas derivadas)	Terminação	Plural
balão	balonismo	-on	-ões	balões
canção	cancioneiro	-on	-ões	canções
confissão	confessionário	-on	-ões	confissões
estação	estacionamento	-on	-ões	estações
fração	fracionário	-on	-ões	frações
leão	leonino	-on	-ões	leões
nação	nacional	-on	-ões	nações
operação	operacional	-on	-ões	operações
questão	questionável	-on	-ões	questões
talão	talonário	-on	-ões	talões
artesão	artesanato	-an	-ãos	artesãos
cidadão	cidadania	-an	-ãos	cidadãos
cristão	cristianismo	-an	-ãos	cristãos
grão	granular	-an	-ãos	grãos
irmão	irmandade	-an	-ãos	irmãos
mão	manual	-an	-ãos	mãos
órfão	orfandade	-an	-ãos	órfãos
órgão	orgânico	-an	-ãos	órgãos
pagão	paganismo	-an	-ãos	pagãos
alemão	alemanizar /alemanista	-ani	-ães	alemães
cão	canino / cadela	-ani /ausência de n	-ães	cães
capitão	capitanear / capitania	-ane /-ani	-ães	capitães
charlatão	charlatanismo / charlatanear	-ani /-ane	-ães	charlatães
escrivão	escrivantina /escrivania	-ani	-ães	escrivães
guardião	guardiania	-ani	-ães	guardiães
pão	panetone / padaria	-ane /ausência de n	-ães	pães
sacristão	sacristania / sacristia	-ani /ausência de n	-ães	sacristães
tabelião	tabeliado /tabeliar	ausência de n	-ães	tabeliães

Quadro 3 – Diferenças na pluralização a partir da alomorfia do radical

Fonte: dados da pesquisa

Na análise das palavras derivadas dos exemplos do quadro acima, encontramos três sequências, a saber:

- a) a sequência *-on*, em que teremos o plural em $on + e + s = -ões$;
- b) a sequência *-an*, em que teremos o plural em $an + o + s = -ãos$; e
- c) a sequência *-ani* ou *-ane*, ou ainda a ausência de *n*, em que teremos o plural $ane + s = -ães$.

Ou seja, *-ão* não seria apenas um morfema, mas, pelo menos, três: *-ão* = *-on*; *-ão* = *-an*; e *-ão* = *-ane* ou *-ani*. Como já referimos anteriormente, na história da língua portuguesa formas diversas (*-anu*, *-one*, *-ane*) convergiram para uma única forma, o ditongo nasal *-ão*. No entanto, as diferenças foram mantidas e se revelam nos plurais e nas palavras derivadas.

2.1 Comentários acerca da proposta de didatização

A estratégia apresentada nesta proposta de didatização não abrange todos os substantivos do léxico, restando um grande número de exceções. Porém, acreditamos na validade de se trabalhar em sala de aula com regras desse tipo, porque a comparação com as formas derivadas oferece aos estudantes um meio bastante eficiente de evidenciar a diferença morfológica dos plurais das formas terminadas em *-ão*, ou, digamos, uma forma de se encontrar regularidade dentro da irregularidade da língua.

Em virtude de atualmente não se poder utilizar o latim como embasamento para a formação dos plurais dos substantivos terminados em *-ão*, já que há muito o estudo dessa língua não pertence ao nosso sistema educacional, e tendo em vista que nosso léxico não é puramente latino, sendo, em larga escala, também composto de termos ora criados para determinados fins (neologismos), ora importados, quando os conceitos carecem de formas vernaculares (empréstimos linguísticos)², novas formas de ensino precisam ser encontradas,

² Inclusive, muitos termos com temas em *-ani* não são vocábulos que se originaram em português a partir do latim, tendo sido, por exemplo, decorrentes do influxo de outras línguas, tais como as germânicas (considere-se a influência dos germânicos na Península Ibérica durante a Idade Média). Entre outros, podemos citar vocábulos como *alemanizar* (termo indubitavelmente muito posterior à época dos romanos, para os quais “alemão” era *germanus*), sendo provavelmente devido ao contato dos que habitavam próximo à região sul do que corresponderia à atual Alemanha, local da tribo germânica dos *alemanni*. Apenas por comparação, povos que habitavam ao norte da Europa não chamaram os “alemães” de *alemanni* nem de *germani*, mas de *saksi* (por exemplo, na Finlândia), pois as tribos ao norte eram as dos saxões. Ou seja, a entrada de radicais que se tornaram alomorfes no português não decorre direta e inequivocamente da língua latina, mas de termos que se desenvolveram nas línguas romances.

para que não fiquem os estudantes presos à memorização de tabelas, técnica desatualizada e pouco eficaz.

Na presente proposta pedagógica, a matéria que poderia ser apresentada com uma simples tabela, sem nenhuma exploração mais profunda, como parecem fazer os gramáticos tradicionais, transforma-se em um estudo mais abrangente e, por conseguinte, mais atrativo e com resultados mais produtivos.

O dicionário se constitui em um instrumento fundamental para a aplicação desta maneira de identificar o plural dos substantivos terminados em ditongo *-ão*, pois é por meio dele que os estudantes serão capazes de encontrar as formas derivadas dos termos em análise, contribuindo para a ampliação de seus recursos semânticos, o que é visto como um acréscimo à atividade pedagógica.

Com a construção do estudo do plural dos substantivos terminados em *-ão* sendo feita em conjunto com os estudantes, outro benefício que observamos é a qualidade dos exemplos, pois os substantivos escolhidos farão parte do vocabulário do grupo. Em gramáticas e livros didáticos, muitas vezes há falta de adequação dos exemplos apresentados, como *alão* (raça de cão), *fuão* (mesmo que “fulano”), *alazão* (cor de pelo de cavalo), *desvão* (sótão, recanto oculto). São palavras que não integram necessariamente o léxico dos estudantes e, conseqüentemente, não terão influência definitiva no processo de aprendizado, já que é contraproducente trabalhar com sentidos que desconhecemos, uma vez que a língua é basicamente comunicação de sentidos.

Cabe salientar, mais uma vez, que a sincronia foi a tônica da proposta. A revisão da literatura concernente ao tema em estudo, ainda que muito influenciada pela visão diacrônica, serviu de base para pensarmos, dentro da perspectiva sincrônica, formas de equacionar o problema investigado.

Considerações finais

Para a elaboração do presente artigo, que tem como objetivo apresentar uma proposta de didatização diferenciada da formação do plural dos substantivos da língua portuguesa terminados em ditongo *-ão*, percorremos algumas obras de gramáticos e linguistas, procurando mapear os conceitos do fenômeno estudado.

Nesse caminho, observamos que muitas das explicações técnicas se baseavam em processos diacrônicos, e optamos por traçar um percurso numa proposta mais afinada com a linguística de cunho sincrônico – de um ponto de vista teórico – e, também, de um ponto de vista pragmático, no que tange às questões de ordem didática. O principal objetivo não é chegarmos a um método capaz de levar o aluno a memorizar todos os plurais dos substantivos em questão, mas, antes, o intuito é desenvolver atividades que privilegiem a análise, o raciocínio e a crítica em relação ao estudo da língua.

Em contato com os livros didáticos, verificamos que esses carecem, principalmente, de estratégias na elaboração das atividades destinadas a exercitar a capacidade do aluno de aplicar seu conhecimento em relação ao que lhe foi apresentado de maneira teórica. Da mesma forma, os autores das gramáticas tradicionais tendem a não concordar no que se refere aos regramentos capazes de estabelecer uma forma clara e objetiva de se tratar determinados pontos morfológicos que requeiram maior atenção por parte dos estudantes.

Na tentativa de contribuirmos para o desenvolvimento de novas abordagens deste tópico da morfologia portuguesa, apresentamos uma atividade que se propõe a permitir ao aluno a observação do fenômeno e a construção de regras que lhe facilitem o emprego adequado, como usuário da língua, desses plurais. Essa prática pedagógica está pautada pelo estímulo à reflexão e à pesquisa, visando recuperar o gosto pela análise linguística e proporcionando ao aluno espaço para raciocinar acerca da relação flexão/derivação no português de forma mais segura, com mais recursos e conteúdo.

Esperamos, com a proposta apresentada neste artigo, estar contribuindo para que o aluno atue, dentro do processo ensino/aprendizagem, com mais liberdade, mais raciocínio crítico e reflexão, o que deveria ser, em última instância, o objetivo maior do ensino de língua.

Referências

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Metódica da Língua Portuguesa**. 46. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Problemas de Lingüística Descritiva**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luis Filipe Lindley. **Nova Gramática de Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

LUFT, Celso Pedro et al. **Novo Manual de Português**. 5. ed. São Paulo: Globo, 1995.

MACAMBIRA, José Rebouças. **Português Estrutural**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1978.

NICOLA, José de; INFANTE, Ulisses. **Gramática Essencial**. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1999.

SILVA, Ana Paula Fernandes. A realização do plural –ão na Língua Portuguesa. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 9., 2005, [Rio de Janeiro]. **Cadernos do CNFL**. [S.l.]: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Lingüísticos, 2005. v. 9, n. 15. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/15/05.htm>>. Acesso em: 17 set. 2010.

TORRALVO, Izeti Fragata; MINCHILLO, Carlos Cortez. **Linguagem em Movimento: literatura, gramática, redação: ensino médio**. São Paulo: FTD, 2008. v. 2.